

distúrbios eletrolíticos. Já no experimento de Salle et al. os cães, apesar de urinarem espontaneamente, apresentaram muco na urina após a enterocistoplastia. Uma bexiga recuperada cirurgicamente, além de manter suas funções fisiológicas conforme postulam Desgrandchamps & Griffith³ também deve, dentro do possível, restaurar e/ou preservar sua arquitetura anatômica. As imagens radiográficas e ultra-sonográficas do 7º ao 21º dias, mostraram pequenas alterações na conformação anatômica das bexigas situadas na face da enxertia, em ambos os grupos, desaparecendo, porém, a partir do 28º dia. Desta forma, além da manutenção das funções fisiológicas, preservou-se a anatomia do órgão; esta forma de avaliação, isto é, o emprego do diagnóstico por imagem, é citado por alguns autores tais como Gonzales et al. que trabalharam com pacientes humanos; entretanto, não relatam os resultados obtidos. Também não foi detectada, em todo o período, nenhuma evidência de ruptura da sutura, confirmando o que Bourne et al. revelaram a respeito da manutenção da força tênsil dos fios estudados até o 14º dia. Concluiu-se então, que o uso da técnica do auto-enxerto ileal por desbaste mecânico da mucosa, na cistoplastia, é uma alternativa segura e eficiente, na prática cirúrgica cotidiana, em cães, por permitir o retorno eficaz da biomorfofisiologia do órgão.

Contribuição do distensor ósseo nos métodos fechados de redução de fraturas rádio-ulnares e tíbio-fibulares e de fixação dos fragmentos com pinos percutaneamente transfixados em cães e gato

Chioratto, R.¹;
Tudury, E.A.¹;
Almeida, A.C.M.¹;
Kemper, B.¹;
Silva, S.R.A.M.¹;
Rochsig, C.¹

1- Departamento de Medicina Veterinária - Universidade Federal Rural Pernambucana – PE

A fixação esquelética externa, conhecida como fixação percutânea, é a estabilização de fraturas por meio de pinos fixadores percutâneos, que atravessam as duas corticais ósseas e são conectados através de barras metálicas ou por meio de resina acrílica auto-polimerizável, formando uma estrutura externa rígida. Segundo Piermattei & Flo, a redução fechada é o processo de alinhamento e/ou restauração de membros fraturados até sua configuração anatômica normal, sem exposição cirúrgica do osso fraturado, podendo se usar o peso do animal para produzir tração-extensão e causar assim, fadiga de músculos espasmodicamente contraídos. Os dispositivos de tração são instrumentos que podem ser fixados às metafises proximal e distal dos ossos fraturados por meio de pinos de fixação, permitindo que os fragmentos fraturados sejam lentamente afastados até que possam ser reduzidos e fixados. O experimento foi realizado, utilizando-se 22 animais jovens e adultos de idades variadas, acometidos de fratura rádio-ulnar ou tíbio-fibular. Até o momento da cirurgia estes pacientes ficaram estabilizados com bandagem tipo Robert Jones. Depois de anestesiados, realizou-se distensão da musculatura mediante suspensão do membro fraturado. A técnica de redução e fixação externa das fraturas com pinos transfixados, de diâmetro em torno de 20% do diâmetro do osso fraturado, consistiu em implantar um fio de Kirschner ou Steinmann em cada epífise. Feito isto se encaixaram esses pinos em aparelhos distensores ósseos, um caudal e outro cranial, os quais auxiliaram na fixação e na redução (afastamento) dos fragmentos ósseos, medindo-se com régua milimetrada o comprimento do membro fraturado até igualar ao comprimento do membro contralateral. Os fragmentos da fratura foram externamente e concêntricamente comprimidos e aproximados, por uma braçadeira metálica. Em seguida foram transfixados no mínimo mais dois pinos em cada fragmento ósseo, em ângulo de 70º ao eixo longo do osso, ficando disposto o aparelho de fixação no plano crânio caudal do rádio, e médio-lateral da tíbia. Encravaram-se então quatro agulhas hipodérmicas 25 x 7 mm até o osso, duas

na face anterior e as outras na face medial, com angulação de 90° entre elas e o osso. Comparando-se as distâncias da pele ao canhão da agulha, avaliou-se então trans-cirurgicamente o alinhamento dos fragmentos ósseos. Após dobrar as extremidades salientes dos pinos, com alicate comum, fazendo com que eles fiquem paralelos ao osso fraturado e a uma distância da pele de 3,5 cm, (dependendo do porte do animal), colocou-se o cimento odontológico polimetilmetacrilato (PMMA) em ambos os lados. Para determinar a qualidade da redução e estabilização ósseas obtidas com o método usado, foi utilizado o exame radiográfico mediato à cirurgia no qual determinou-se em graus o posicionamento espacial (alinhamento e aposição) das extremidades dos fragmentos da fratura e esquirolas ósseas. Foram avaliados 21 animais da espécie canina e um da espécie felina, com peso oscilando entre três a 17 kg, idade cinco meses a nove anos, de raças variadas. Dos 22 animais, 18 apresentaram fratura rádio-ulnar transversa diafisária e os demais apresentaram fratura rádio-ulnar oblíqua diafisária, fratura tibio-fibular transversa diafisária e fratura tibio-fibular oblíqua diafisária. Como a distensão com um único aparelho colocado lateralmente gerava uma angulação varo do membro, conforme anunciado por Piermattei & Flo, utilizou-se mais um distensor, o que foi de grande valia, pois colaborou na redução dos fragmentos da fratura à sua posição normal, sem precisar de micro abordagem à fratura, perturbando assim o mínimo possível os tecidos moles, o que é muito importante. Também, o uso de agulhas hipodérmicas na determinação do alinhamento dos fragmentos ósseos, deu uma grande contribuição. Em 17 animais o alinhamento atingido foi de 100 a 70%, em um animal esse alinhamento correspondeu a 40% e em quatro animais não houve aposição, alinhamento e redução anatômica do osso, acreditando-se que o exame radiográfico trans-cirúrgico teria sido de grande valia para corrigir o desalinhamento. Mesmo assim, os pacientes que obtiveram 40% ou menos de redução anatômica, aos 90 dias apresentavam radiologicamente calo e linha de fratura invisível, com recuperação funcional adequada. O relaxamento muscular e a redução dos fragmentos fraturados foram atingidos sem maiores dificuldades, utilizando-se a gravidade, auxiliada pelo uso dos distensores ósseos, que segundo Fossum e Piermattei & Flo, são formas para se atingir esse objetivo. A utilização dos distensores ósseos foi de grande importância, também na fixação dos fragmentos fraturados, pois ofereceu suporte no momento da aplicação do cimento odontológico. Conclui-se, portanto, que o uso de dois distensores ósseos é de grande valia na redução e estabilização bilateral percutânea das fraturas rádio-ulnares e tibio-fibulares, ambas pelo método fechado.

Utilização da criocirurgia no tratamento de carcinoma de células escamosas em gatos

Queiroz, G.F.¹;
Matera, J.M.¹;
Dagli, M.L.Z.¹

1- Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Universidade de São Paulo – SP

O carcinoma de células escamosas é um tumor de pele comum nos gatos, correspondendo a 15% das neoplasias de pele nesta espécie¹. Os locais mais freqüentes para o surgimento desse tumor são o plano nasal, orelhas, pálpebras e região periocular, especialmente, se essas áreas são escassas de pêlo ou despigmentadas. Há várias opções de tratamento disponíveis, incluindo a excisão cirúrgica, radioterapia, terapia fotodinâmica, quimioterapia e criocirurgia cada uma com suas vantagens. A criocirurgia é mencionada na literatura internacional para o tratamento de carcinoma de células escamosas em gatos, no entanto, não existe relatos objetivos de sua eficácia. No Brasil, há poucos relatos da utilização desta técnica no tratamento de neoplasias de pele, portanto, o presente trabalho tem como objetivo avaliar a eficácia da criocirurgia no tratamento de carcinomas de células escamosas em gatos. Utilizou-se sete gatos de ambos os sexos, raça e idades variadas encaminhados ao Serviço de Cirurgia de Pequenos